

A ação conjunta dos países devedores na negociação de seus débitos junto aos bancos internacionais é importante, mas essas nações não devem esquecer que é essencial negociar também com os países credores que têm fundamental importância para a resolução do problema. Essa declaração foi feita ontem pelo ex-ministro Mário Henrique Simonsen no Seminário Alternativas da Reestruturação Econômica Mundial, que se realiza no Maksoud Plaza.

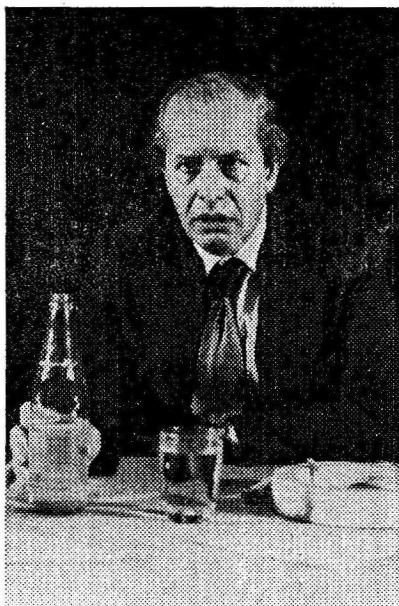
Simonsen fez esse comentário em relação à conferência do economista Norman Bailey, que elogiou a decisão dos devedores de promoverem uma ação conjunta, primeiro em Cartagena e nos próximos meses em Buenos Aires. Bailey disse que essa estratégia é uma pressão legítima dos países do Terceiro Mundo, que já deu resultados positivos "como demonstra a renegociação da dívida do México".

Apesar dos elogios, Bailey considerou importante que os países devedores não adotem uma política de confrontação "mesmo porque não há necessidade disso, já que os bancos internacionais estão muito flexíveis".

Também falando sobre a dívida externa, o deputado Pratini de Moraes recordou que "os débitos não são apenas do Terceiro Mundo; ao contrário, a maior dívida atualmente é dos Estados Unidos, que têm um débito de US\$ 150 bilhões, um volume tão grande em mãos de estrangeiro que impossibilita o

governo norte-americano de baixar os juros sem causar grandes problemas à sua economia".

Analizando essa situação, Pratini de Moraes afirma que o Brasil deve reconhecer seus erros quanto ao endividamento externo, mas ressalta: "Por que nosso país tem que pagar parte do débito dos Estados Unidos? É preciso



Arquivo
Simonsen: reajuste real

mostrar no Exterior que o Brasil cumpre seus compromissos, mas não pode continuar pagando débitos de outras nações".

Também falando da dívida, o embaixador Walter Moreira Salles, garantiu que não se pode culpar o FMI pelos problemas dos países devedores: "O Fundo é eficiente, já ajudou muito a economia mundial e só não pode fazer mais no momento porque seus cotistas recusam-se a aumentar as contribuições. A entidade precisa atualmente de dez vezes mais recursos do que dispõe para continuar funcionando com eficiência".

Quanto à economia brasileira, o ex-ministro Mário Simonsen afirmou que o País precisa adotar uma política de elevação real dos salários: "Fazer aumento nominal apenas não dá resultado. Basta verificar o exemplo da Argentina, que está elevando os salários mensalmente, sem que isso signifique aumento real da renda dos trabalhadores".

Para Simonsen, a desindexação deve ser feita com cuidado e critério para evitar que se confunda desindexar com eliminação das ORTN.

Já Pratini de Moraes criticou a ênfase dada ao superávit da balança comercial: "Esse resultado passou a ser a única meta da nossa economia, o que dá a medida da miséria brasileira. O Brasil passou a exportar capital e isso precisa mudar".